

3

A pesquisa do Espaço e o Espaço da pesquisa

A praça

O Povo ao poder - Castro Alves

Improviso ao ser dissentido
O Meeting republicano promovido pelo tribuno Antonio Borges da Fonseca,
Conduzido à prisão, em 1864, no Recife.

“Quando nas praças se eleva
Do Povo a sublime voz,
Um raio ilumina a treva,
O Cristo assombra o algoz...
Que o gigante da calçada,
De pé sobre a barricada,
Desgrenhado, enorme, nu,
Em Roma é Catão ou Mário,
É Cristo sobre o Calvário,
É Garibaldi ou Kossuth.

A praça, a praça é do povo!
Como o céu é do Condor!
É antro onde a liberdade
Cria a águia ao seu calor!
Senhor, pois quereis a praça?
Desgraçada a população!...
Sé tem a rua de seu.
Ninguém vos rouba os castelos,
Tendes palácios tão belos...
Deixai a terra ao Anteu...”

Recife, 1864

3.1

Espaço, cidade e relações sociais

O estudo proposto nessa dissertação me fez buscar referenciais que pudessem me acompanhar nessa nova e instigante caminhada pelos terrenos da cidade e de sua organização. Percorrendo a literatura sobre esse tema, como quem desbrava novas trilhas, percebo que o espaço é um mediador fundamental entre os indivíduos, sendo formador da subjetividade humana. Partindo desse pressuposto, passo a olhar o homem nessa relação, buscando, ao perceber de que forma o

homem vive o espaço que ocupa, uma compreensão mais global da nossa sociedade.

Nas pegadas do homem, em seu caminhar histórico e geográfico, vemos como a apropriação do espaço foi determinante para a organização da sociedade ocidental ao longo dos anos. Dos primeiros passos de uma vida nômade à evolução tecnológica, vemos que o homem foi criando raízes e buscando meios de adaptar-se ao ambiente e de adaptá-lo às suas necessidades. Desta forma, o espaço tem um papel determinante na formação da sociedade. Suas características físicas e sociais orientam a formação dos sujeitos e, considerando o quanto o homem altera o ambiente em que vive, podemos dizer que a paisagem que nos cerca é ampla e plural. Conhecer um pouco deste panorama é fundamental, quando temos em mente a idéia de que não é possível delinear qualquer concepção de infância sem trazer para o centro da discussão a sociedade na qual a criança está inserida. O espaço é visto, então, como determinante e determinado pelos homens. Espaço rico em possibilidades e dinâmico em interações.

A percepção de que é necessário considerar o homem na relação com o espaço que ele ocupa, tem feito com que diferentes áreas das ciências humanas lancem uma reflexão sistematizada sobre o tema. O campo da antropologia e, mais especificamente, a “antropologia urbana”, tem trazido importantes contribuições neste sentido. Damatta (1991) ao considerar que espaço e tempo são “invenções sociais” nos aponta para o papel central do homem na relação com o meio em que vive. Para esse autor, *o espaço é demarcado quando alguém estabelece fronteiras, separando um pedaço de chão do outro*”(p.32).

Na busca por compreender a sociedade brasileira de uma maneira globalizada, Damatta toma a “Casa” e a “Rua” como duas categorias sociológicas fundamentais. Afirma que cada sociedade tem uma gramática de espaço e temporalidade, existindo como um todo articulado, e esta articulação depende, fundamentalmente, de atividades que se ordenam também em oposições diferenciadas, permitindo lembranças ou memórias diferentes em qualidade, sensibilidade e forma de organização (1991:36). Ao concordar com Damatta, considero que cada sociedade imprime uma gramática particular ao espaço que ocupa; assim, são necessários estudos que se debrucem sobre essa organização, entendendo o homem em sua relação com os meios físico e social.

Um desses estudos foi desenvolvido por Soja (1993). O autor traz importantes contribuições para o debate. Envolvido em *abrir e recompor o território da imaginação histórica através de uma espacialidade crítica* (p. 19), Soja vem discutindo o papel do espaço na formação da sociedade. Para este autor, esta seria uma *maneira significativamente diferente de ver o tempo e o espaço juntos, a integração da história com a geografia, as dimensões 'vertical' e 'horizontal' do ser-no-mundo, livres da imposição do privilégio categórico intrínseco* (p. 19).

Podemos dizer que, ao longo dos anos, alguns fatores foram e têm sido responsáveis pela interpretação do tempo e do espaço. Atualmente, em um mundo cada vez mais globalizado e com as inovações tecnológicas, novas formas de relações vêm sendo criadas, alterando, regulando e reconstruindo as relações sociais cotidianas, impondo, deste modo, novas concepções de vida.

Assim, o espaço ganha uma nova abrangência não apenas em termos de expressão física, mas em novas funções relacionadas ao consumo, ao trabalho e ao lazer, ao surgimento e à operação deste espaço na 'realidade' virtual e às diversas formas de violência urbana. Esta abrangência cria novas formas de subjetividade nos homens. (Cruz, 1998:162)

É por reconhecer o valor e o papel do espaço na formação da subjetividade humana, e por entendê-lo como mediador das relações sociais, que escolhi esse tema para estudo mais sistematizado. Quero entender alguns fios que compõem as tramas desse todo indissolúvel, a sociedade. Nesse caminhar, parto rumo aos espaços organizados sob a forma de cidades, mas antes, sinto a necessidade de apontar que as questões levantadas são localizadas e dizem respeito, não a todas cidades, mas às metrópoles ou aos grandes centros urbanos.

Quem viaja sem saber o que esperar da cidade que encontrará no final do caminho, pergunta-se como será o palácio real, a caserna, o moinho, o teatro, o bazar. Em cada cidade do império, os edifícios são diferentes e dispostos de maneiras diversas: mas, assim que o estrangeiro chega à cidade desconhecida e lança o olhar em meio às cúpulas de pagode e clarabóias e celeiros, seguindo o traçado de canais hortos depósitos de lixo, logo, distingue quais são os palácios dos príncipes, quais são os templos dos sacerdotes, a taberna, a prisão, a zona. Assim – dizem alguns – confirma-se a hipótese de que cada pessoa tem em mente uma cidade feita exclusivamente de diferenças, uma cidade sem figuras e sem formas, preenchida pelas cidades particulares.

(Calvino, 1990: 34)

O homem que cavalga longamente por terrenos selváticos
sente o desejo de uma cidade
(Calvino, 1990: 12)

Para entender a cidade e sua dinâmica, tomo como apoio o fascínio de Ítalo Calvino pelo símbolo complexo da cidade. A leitura de “As cidades invisíveis” (1990) me trouxe o desejo de interpretar e descrever o espaço, a cidade, não só através da literatura acadêmica, mas também através de uma “geografia fantástica”, tal como o faz o personagem Marco Polo ao descrever as cidades do imenso império à Kublai Khan¹.

Concebida como sendo um organismo passível de intervenção planejada e controlada, as cidades sofreram grandes transformações nos últimos anos (CASTRO, 1998). Se no seu surgimento residia a possibilidade de uma melhor organização da população e uma centralidade na oferta de serviços, com o crescimento demográfico e as migrações vimos que seu planejamento não comporta mais as necessidades da população.

No caso das grandes cidades brasileiras, serviços essenciais como o saneamento, nunca foram universalizados. Sofremos, hoje, com o fenômeno do inchaço das cidades, com a falta de estrutura e com a violência urbana.

De volta ao livro de Calvino, penso que, se Marco Polo tivesse em mãos a tarefa de descrever as cidades brasileiras ficaria tentado a se fixar mais em suas belezas naturais, embora não pudesse omitir do poderoso Kublai Khan as grandes desigualdades que envolvem os grupos sociais que nelas habitam. Em uma breve observação, o viajante poderia perceber que nos encontramos aprisionados diante de um fluxo intenso de pessoas, veículos e informações. Nesse cenário, seria fácil para ele reconhecer que os habitantes que vivem nas cidades buscam estratégias de sobrevivência. Caso ele precisasse de ajuda por não conhecer a história dessa cidade, poderíamos apontar uma destas estratégias, mostrando-lhe as recentes reorganizações imobiliárias onde as populações menos favorecidas, que também querem habitar próximo aos serviços e ao trabalho, aglomeram-se em espaços cada vez menores. Enquanto isso, as populações mais ricas fecham-se em prédios e condomínios que agrupam um grande número de pessoas e infra-estrutura, de modo que, sair deles, se torna cada vez menos necessário.

¹ Marco Pólo e Kublai Khan são personagens do livro do escritor.

Marco Polo poderia ficar perplexo diante do quadro, mas nem assim deixaria de ver o grande número de desempregados, bem como o alto índice de trabalhadores envolvidos em sub-empregos ou em trabalhos temporários em nossas cidades. Correríamos o risco de que o viajante, assim como muitos habitantes, acreditasse que esses não são locais seguros para se viver. Deveríamos alertá-lo, porém, que essa não é uma realidade presente somente no Brasil. Como viajante experiente, Marco Polo encontraria nas metrópoles brasileiras traços de Clarisse, Irene, Fedora e outras “Cidades invisíveis” por ele visitadas.

Sobre a situação das cidades no mundo, poderíamos lhe apresentar o Relatório do Programa de Assentamentos Humanos da Organização das Nações Unidas, “O desafio das favelas” (Jornal O Globo 07/10/2003), que chama atenção para um processo de “urbanização da pobreza” diante do pequeno ou inexistente planejamento para acomodar a população que se desloca para as cidades em busca de uma vida melhor. O Relatório estima que até o ano 2050 a população mundial seja de nove bilhões de pessoas, seis bilhões das quais viverão nas cidades. Alberto Paranhos, representante da ONU-Habitat acredita que *se continuar neste ritmo, as cidades ficarão inabitadas em 15 anos, devido a violência e à precariedade*.

A questão da vida nas cidades tem sido objeto de preocupação não só das entidades governamentais. Alguns pesquisadores, com os quais este trabalho se identifica, tomam a relação cidade-sujeito como fonte de análise. Entre eles, podemos destacar o trabalho de Castro. A autora acredita que, na sociedade contemporânea, se conjugam várias lógicas de contratualidade social e de reconhecimento de si e do outro. Para ela, se antes, na sociedade moderna, a subjetivação poderia ser pensada na relação com o outro social, na contemporaneidade, as cidades têm papel fundamental na formação dos sujeitos. Segundo o seu pensamento, nas cidades se projetam as possibilidades de várias lógicas diferentes e vários conjuntos de relações, que são responsáveis pela formação da subjetividade humana (Castro, 1998:142). Assim, Castro assume a cidade como noção fundamental para a análise da especificidade das condições de subjetivação contemporânea, problematizando o outro, constituído pela espacialidade urbana.

A autora elege as cidades, por acreditar que *no destino das cidades residem as possibilidades de construção de uma nova ordem social* (Castro, 1998:141). As cidades utilizam novas possibilidades de relações sociais, produzidas, segundo a autora, principalmente pelos estilos de vida determinados pelo consumo.

as cidades contemporâneas se apresentam como a expressão acabada da plurivocidade das condições de subjetivação da atualidade, ou ainda, como o novo outro a partir do qual a subjetivação pode ser pensada, outrora buscado e teorizado nas concepções do social e da sociedade. (Castro,1998: 142)

Nesse mesmo estudo, Castro também chama atenção para o fato de que, com o seu crescimento *a cidade grande se perde ao nosso olhar, está sempre mais além do que podemos alcançar* (p. 145). Assim, não é mais possível um olhar total sobre a cidade. O que era antes vivência como, por exemplo, a possibilidade de transitar por todo o seu território, com a sua expansão tornou-se conhecimento. Hoje, sabemos mais sobre a cidade do que temos a possibilidade de vivenciá-la. As distâncias fizeram com que cada bairro se tornasse, dentro da dinâmica da cidade, pequenos centros. Sarlo (1997) chama atenção para o fato de que *em muitas cidades não existe um ‘centro’ (...) as pessoas hoje pertencem mais aos bairros urbanos (...) do que nos anos vinte, quando a ida ao ‘centro’ prometia o horizonte de desejos e perigos, a exploração de um território sempre diferente* (p.14). Desta forma, não vivemos a cidade em sua plenitude, desfrutamos das ofertas de serviços que estão mais próximas de nosso trajeto ou moradia. Para Castro essa mudança na geografia das cidades se reflete nos sujeitos já que suas narrativas sobre as cidades ganham um caráter de temporalidade e não se sustentam em função da velocidade das transformações do espaço. A autora alerta que essa mudança faz com que, muitas vezes, as pessoas se sintam estrangeiros no seu próprio habitat. (Castro, 1998:145)

Por esses fatores, podemos pensar que a experiência dos sujeitos, hoje, está mais centrada nas dificuldades de se viver nas cidades. O medo, a violência, a falta de saneamento, a falta de emprego - que muitas vezes é a responsável pela migração das pessoas do campo para a cidade - fazem parte dos sentimentos de quem habita grandes centros urbanos (Castro, 1998). A vida nas cidades está associada à marginalidade e à criminalidade, visto que, como aponta o Relatório do Programa de Assentamentos Humanos da Organização das Nações Unidas, “O desafio das favelas” (Jornal O Globo 07/10/2003), seu crescimento não foi

acompanhado por políticas públicas de ofertas de serviço, saneamento e de uma infra-estrutura que pudesse favorecer uma melhor qualidade de vida para sua população.

Um outro estudo que considera a cidade como formadora da subjetividade humana e tem como pano de fundo a questão do consumo, é o de Nestor Canclini (1999). O autor toma como base de suas pesquisas as cidades e a indústria cultural da América Latina. Canclini está envolvido em estudar a globalização como um *processo de fracionamento articulado do mundo e a recomposição de suas partes* (p.11). Acredita que a globalização não é um simples processo de homogeneização, mas de reordenamento das diferenças e desigualdades, sem suprimi-las. O autor está preocupado com o futuro da cultura latina, em um processo de globalização que, segundo ele, é protagonizado, mas não governado, pela cultura norte-americana. Para ele, é necessário analisar o que a globalização, o mercado e o consumo têm de cultura, já que, essas categorias só existem porque os homens se relacionam e constroem significados em sociedade (p.44).

Sobre as cidades, o autor destaca a importância de se pensar no sentido da cidade *o sentido da cidade se constitui no que a cidade dá e no que não dá, no que os sujeitos podem fazer com sua vida em meio às determinações do hábitat e o que imaginam sobre si e sobre os outros para saturar suas falhas, as faltas, os desenganos com que as estruturas e interações urbanas respondem a suas necessidade e desejos* (Canclini, 2001:115).

Canclini, ao chamar a atenção para o papel que cada indivíduo possui na organização da cidade, aponta para uma questão de grande relevância para a compreensão deste tema. A cidade é criada e recriada por nós e pelos sentidos estabelecidos em nossa cultura. Não se pode olhar a realidade sem percebermos que ela é fruto de nossas inter-relações, que fazemos parte dela. Ao apostamos que a relação dos indivíduos com a cidade é dialógica, não podemos nos esquecer que é a subjetividade dos homens que faz da cidade o que ela é. Então, o que me parece é que temos que ficar atentos a esse ciclo, pois sabemos que, na relação das pessoas com a cidade, há um forte sentimento de insegurança e que a disparidade social em que vivemos tem nos afastado cada vez mais do sentido de comunidade. Diante dessa percepção cabem algumas perguntas: qual e como tem sido o nosso contato com a cidade? Que espaços estamos criando para uma morada coletiva? Temos contribuído para que a cidade se torne mais um espaço democrático e de

livre acesso a todos? Como tem sido formada a subjetividade e a noção de pertencimento dos indivíduos? Foram algumas questões dessa natureza que fizeram parte do pano de fundo que me levou ao trabalho de campo. Na pesquisa realizada em uma praça pública da cidade do Rio de Janeiro, busquei perceber as interações entre os indivíduos e deles com esse pedaço da cidade.

3.2

A criança na cidade

Refletindo sobre o tema espaço e criança, a arquiteta Mayumi Lima (1989) manifesta sua preocupação sobre a forma como os espaços são organizados, distribuídos e direcionados pelos que detêm o poder e como são apropriados ou não para aqueles a quem se destinam (p. 9). Essa apropriação, segundo a autora, pode se tornar um processo de redução; redução cultural, de áreas, de material, causando o empobrecimento dos espaços. (p.10). Em dezoito anos de trabalhos em torno da organização de espaços sociais, a autora voltou sua atenção para a forma como *o poder, primeiro, da sociedade de classes, segundo, das instituições representativas dessa sociedade e, terceiro, dos adultos em geral, se apodera do espaço da criança e o transforma num instrumento de dominação* (p 10). Segundo a autora, a organização dos espaços está voltada para a produção de adultos domesticados (p. 10) *Há, em todos os lugares, como que a obsessão do controle que perpassa todos os nossos comportamentos adultos com relação à criança; precisamos sentir-nos donos da situação, ter presente todas as alternativas que a criança poderá escolher, porque só assim nos sentimos seguros. A liberdade da criança é a nossa insegurança, enquanto educadores, pais ou simples adultos, e, em nome da criança, buscamos a nossa tranquilidade, impondo-lhes até os caminhos da imaginação* (p.11).

Além disso, para Castro (1998), *a situação da criança e do jovem dentro da problemática da cidade é impar* (p.144). Eles representam um segmento social que não possui nenhuma participação na construção do espaço urbano, este lhes é imposto. *As crianças e os jovens de segmentos sócio-econômicos mais favorecidos restringem-se a espaços cada vez mais planejados e assépticos como as escolas e shopping centers; ou então, se oriundas das classes sociais mais*

desfavorecidas, restringem-se, igualmente, aos espaços de ninguém – as ruas – que hoje retratam cada vez menos o sentido do público e da coletividade (p. 144).

Na pesquisa com crianças, Cruz (1998) considera que uma importante mudança teria ocorrido no âmbito das funções do espaço da cidade. *Este não seria mais o lugar do público no sentido de favorecer ou promover as relações sociais, mas pelo contrário, estaria agora caracterizado como produto e produtor exatamente da falta de relação social* (p. 164).

Além dos fatores apontados pelas autoras com o crescimento das cidades e as constantes alterações na paisagem urbana, o espaço foi sendo reorganizado de modo que, hoje, ao observarmos algumas ruas dos centros urbanos, vemos que elas se tornaram local de passagem. As pessoas, em seu ritmo acelerado, vão ganhando as calçadas, atravessando as ruas e se aglomerando em espaços que vêm sendo cada vez mais organizados, como é o caso dos centros comerciais e dos shoppings. Estes locais ganham cada vez mais adeptos, pois para muitas pessoas, neles há a possibilidade de conforto, praticidade e segurança. Em sua dinâmica, parece ser possível usufruir os benefícios dos centros urbanos como serviços médicos, comércio, esporte, lazer, entretenimento, entre outros, sem o constante “estar em alerta” causado pela crescente onda de violência decorrente das marcantes desigualdades sociais em que estamos envolvidos.

No entanto, não podemos deixar de considerar que esses espaços, mais especificamente os dos shoppings, embora ofereçam toda esta ‘comodidade’ para seus freqüentadores, tem sua gênese em atividades relacionadas ao consumo e suas metas visam ao lucro.

Ao entrevistar crianças, Castro (1998) percebeu que a questão do consumo norteia os deslocamentos vividos e desejados por elas; o shopping center representa, para muitas crianças, o deslocamento mais significativo e mais contumaz. Concluiu que, *desta maneira, os deslocamentos possíveis a jovens e crianças, ao invés de ampliarem seus horizontes, possibilitando o acesso à pluralidade de experiências que a cidade propicia, restringem-se mais e mais, à ida ao shopping center, como se fosse o único ‘monumento’ da cidade* (p.149). Este universo torna-se ainda mais restrito para algumas crianças que, ao freqüentarem o shopping, são deixadas por suas famílias em locais planejados para abrigar as crianças no período em que seus pais fazem compras ou realizam

outras atividades. O cenário desses espaços é formado por vários brinquedos e uma cerca que delimita o espaço em que as crianças podem circular.

Coutinho (2002) faz uma análise minuciosa desses espaços. Seu objetivo é perceber quais são as práticas disciplinares que ocorrem nos espaços que são montados, estrategicamente, para abrigar crianças nos shopping centers. Argumenta que a criação de espaços infantis nos shoppings está ligada, diretamente, à proliferação desses locais de comércio na cidade e que, assim como em qualquer outro espaço dessa instituição, os locais destinados às crianças atendem direta ou indiretamente, ao mercado. Destaca que muitos são os espaços destinados às crianças nos shoppings, mas, ao fazer a pesquisa, sua escolha foi o Clube da Criança² por apresentar, em sua organização e funcionamento, práticas semelhantes às realizadas em escolas de Educação Infantil. Seu argumento é o de que *ao tomarem emprestado da escola seu modelo educacional, os espaços do Clube da Criança acabam colocando em funcionamento um disciplinamento dos corpos infantis caracterizado por uma certa rigidez(...)percebi que as práticas realizadas com as crianças no Clube da Criança seguem o mesmo modelo disciplinar da escola* (2002, p. 80-81).

A pesquisa realizada por Castro (1998), descrita no início deste item, é de especial relevância para os interessados no tema. Ao me deparar com sua conclusão fico pensando sobre que rua a autora se refere. Concordo com ela quando expõe a problemática da falta de participação das crianças no planejamento urbano, mas diante do meu interesse por pesquisar crianças em espaço público me pergunto se a rua é realmente um espaço de ninguém. E, se acreditarmos que isso é uma verdade, devemos nos questionar sobre a ocupação que temos realizado desses espaços. O que venho percebendo ao longo da pesquisa de campo é que existe realmente um grande sentimento de insegurança que, por vezes, afasta as pessoas de um contato mais íntimo com a cidade. Porém, de uma maneira ou de outra, com maior ou menor frequência, tenho visto adultos e crianças nas ruas do Rio, nas praias, na orla da Lagoa Rodrigo de Freitas, nas praças da Tijuca e nas portas das casas dos bairros da zona norte como o Lins de

² Espaço dentro do shopping demarcado por uma cerca onde são dispostas mesas e brinquedos para as crianças. Esses locais são conhecidos nomeados nos shoppings pesquisados por Coutinho como Clube da Criança.

Vasconcelos e o Meier. Em conversas com crianças³ elas dizem que muitas são suas experiências com a cidade e que o lazer e a brincadeira nos espaços públicos, fazem parte de seu dia-a-dia. As idas ao shopping também acontecem com frequência. O espaço ocupado pelo shopping em suas rotinas reafirma a posição dos autores que vêm estudando a contemporaneidade destacando o papel que o shopping center possui na vida das pessoas nos grandes centros urbanos. O que mais me chamou atenção na conversa com esse grupo de crianças, foi o fato de que, para elas, o shopping não é um local somente destinado ao comércio. Ele é considerado um espaço dinâmico. Dizem que lá, diferente de outros lugares da cidade, vão muitas crianças. Elas o frequentam para resolver situações práticas, do dia-a-dia, para desfrutarem suas lojas, para lazer e, também, porque “lá é fresquinho”.

Magnini (2003) considera que a metrópole comporta inúmeras e, até mesmo, surpreendentes formas através das quais seus habitantes estabelecem vínculos entre si e com a cidade. O autor se propõe a apreciar a cidade do ponto de vista daqueles que, em função da diversidade de seus modos de vida, se apropriam dela de formas também diferenciadas (p. 2). Para Magnani *essas formas de apropriação não são o resultado de escolhas individuais, nem são aleatórias: são o resultado de rotinas cotidianas, ditadas por injunções coletivas, que regulam o trabalho, a devoção, a diversão, a convivência e que deixam suas marcas no mapa da cidade. O resultado é um desenho bastante particular e que se sobrepõe ao desenho oficial da cidade: às vezes rompe com ele, outras vezes o segue, outras ainda não tem alternativas senão adequar-se* (Magnani, 2003:3-4)

As pesquisas apresentadas me fazem refletir sobre como é difícil para aqueles que foram educados nos moldes dos valores da modernidade aceitarem, e se adequarem, ao panorama deste novo tempo. Sabemos que novas lentes devem focar a realidade, mas não queremos perder de vista que a formação do sujeito acontece na coletividade. Não queremos nos afastar do sonho de uma sociedade igualitária e plural, de aprendermos a conviver com o outro e negociarmos nossas diferenças através do diálogo. Entretanto, cabe a nós experimentar novas lentes, como nos propõe Magnani, que poderão nos ensinar a focar a realidade levando em conta o ponto de vista dos atores sociais, sejam eles crianças ou adultos. Nesse

³ Nascimento A. e Saluto, M. N. As imagens da cidade pelos olhos das crianças. In:

caso, mais especificamente, deveríamos aprender com as próprias crianças que, nascidas neste tempo, não temem se perder no labirinto da contemporaneidade.

No limiar do labirinto, a criança não manifesta medo; pelo contrário, o desejo de exploração predomina como se soubesse, confusamente, que só poderá se reencontrar se ousar perder-se (Gagnebin, 1994:103).

Estimulada por essas muitas questões fui “viver” um espaço público ocupado por crianças. Acreditando que a elas, que nasceram neste tempo frenético, também cabe a possibilidade de dar significados a esses espaços, me lancei a observar suas interações em uma pracinha do bairro da Tijuca, Rio de Janeiro.

A entrada no campo ocorreu tendo como lentes, como já foi dito, os referenciais da antropologia. Suas leituras me serviram como uma espécie de bússola. Meu norte foi a construção do olhar antropológico, a busca por entender a cultura local, a percepção das recorrências e o outro em seus próprios termos.

Oliveira (1998) em seu artigo “O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever” busca enfatizar o caráter constitutivo do olhar, do ouvir e do escrever, na elaboração do conhecimento próprio das disciplinas sociais (p.18). O autor se propõe a aflorar alguns problemas que comumente passam despercebidos, quando o pesquisador não se debruça sobre as questões epistemológicas que condicionam a investigação empírica. Chama o olhar, o ouvir e o escrever de três etapas fundamentais durante a pesquisa, pois, é através deles que se constroem nosso saber.

Com o delineamento da pesquisa de campo, outras questões, além das que envolvem o pesquisador, passaram a fazer parte da pesquisa. Como pesquisar em sociedades complexas? A sociedade que está em foco neste estudo, a praça Xavier de Brito, se localiza no coração do bairro da Tijuca, Zona Norte, área urbana da cidade do Rio de Janeiro. Pode ser considerada como um ponto de interseção entre diferentes mundos onde várias trajetórias e trilhas sociológicas e culturais se cruzam. (VELHO, 1999)

Trazer esta dinâmica para o centro destes escritos é a minha proposta. Com a bússola em mãos, buscando coerência com a metodologia de trabalho escolhida, me lanço ao desafio de descrever o campo. Sabendo que uma das principais características do fazer antropológico é a descrição, espero, nas linhas a seguir, conduzir os meus leitores à praça Xavier de Brito, deixando um espaço para que,

ao longo da leitura, outras interpretações sobre o observado possam ser realizadas. Desde já, assumo que essa é uma das muitas leituras que podem ser feitas deste local e das relações ali estabelecidas já que: *quando um antropólogo faz uma etnografia, uma de suas tarefas mais difíceis, como sabemos ao narrar um evento, é transmitir o clima, o tom do que está descrevendo. A sucessão dos fatos no tempo, o número de participantes, a reconstituição das interações, são etapas fundamentais, mas quase sempre, fica-se com a sensação e/ ou sentimento de que falta algo crucial* (p. 13).

3.3

Tijuca - Ty-vúc

O bairro da Tijuca é peculiar por sua diversidade geográfica. Cresceu em uma planície entre um maciço e uma floresta. Considerado como um local tradicional do Rio de Janeiro, está situado na Zona Norte da cidade. O nome é uma alusão ao seu original terreno pantanoso. Tijuca vem da palavra Tupi – Ty-yúc - que significa lamaçal, brejo, barro, atoleiro, charco.

O cultivo do café foi responsável pela ocupação do local e conseqüente devastação da mata. Em 1861, D. Pedro II preocupado com a seca e com os mananciais, determinou o reflorestamento da área. Ao final de uma empreitada que levou anos, estava reflorestado o maior parque urbano do mundo, uma nova atração da cidade. O local tornou-se importante área de lazer para a população, dando destaque a Região. A proximidade com a Estácio e a Cidade Nova também impulsionaram a evolução do bairro. As melhorias urbanas vindas com os bondes movidos à tração animal, ao lado das casas ajardinadas faziam com que o bairro fosse considerado um local agradável para moradia. Aos poucos surgem casas para aluguel e, no início do século XX, os morros começam a serem ocupados. O Morro do Salgueiro foi a primeira favela do bairro.

É difícil pontuar seus limites espaciais. Segundo a “Coleção Estudos da Cidade”⁴, a Tijuca está na região que compreende sete bairros: Alto da Boa Vista, Andaraí, Praça da Bandeira, Grajaú, Maracanã, Tijuca e Vila Isabel. De acordo com seus dados, *a região possui 5.517 hectares com 367.005 habitantes. Sua densidade líquida de 240,5 habitantes por hectares é a maior entre as outras doze áreas do plano estratégico que compõe o Município.* A longevidade média, 68,7 anos está acima da média da cidade, 65,2 e a taxa de mortalidade infantil (11,7 óbitos por mil nascidos vivos) é a segunda menor. A renda média do bairro é, junto com o Grajaú, a maior da região, cerca de dez salários mínimos. Vale destacar que a renda média da Cidade é seis salários mínimos. No que diz respeito à alfabetização, a região possui os maiores índices da cidade, 96,37%. No quesito escolaridade: 34% da população da região possui nível de escolaridade superior. Este percentual só é superado pela região que compreende os bairros da Zona Sul, com 44% da população com nível de escolaridade superior.⁵

De acordo com a “Coleção Estudos da Cidade” foi realizada uma etapa de pré-diagnóstico, do Plano Estratégico 2001/2004 com oitenta e quatro questionários respondidos. O objetivo foi *identificar as debilidades da área para a definição de seus temas críticos.* Os resultados indicam que a Região apresenta alta taxa de concentração de habitantes, evasão de população, migração desfavorável e baixas taxas de reposição demográfica, além de queda nos indicadores de saúde e sobrevivência. Na etapa do diagnóstico, foram analisados dados que buscavam identificar as potencialidades da área. O documento aponta que a região tem *vocação mista: residencial, comercial e de serviços, turística.* Quanto às manifestações culturais, abriga escolas de samba, eventos musicais, a *cultura de botequim, festas juninas, religiosas e teatro.* (p.15)

⁴ Publicação realizada pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e pelo Instituto Pereira Passos sob a responsabilidade da equipe de Plano Estratégico da Cidade do Rio de Janeiro. Tem como base o censo de 2000, estudos e pesquisas. Seus objetivos são: traçar um diagnóstico das regiões e “subsidiar as reuniões com as sociedades locais e elaboração dos planos estratégicos a serem desenvolvidas em 12 regiões da cidade”. São organizadas em notas técnicas que, “apresentadas através da Coletânea Rio Estudos (Nºs 65,78,94,96,98,100 e 104) permitirão ao leitor obter diversas informações históricas, socioeconômicas, demográficas dessas regiões”. In: www.armazemdedados.rio.rj.gov.br

⁵ Em anexo encontra-se a tabela com o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal dos anos de 1991 e 2000 segundo as regiões administrativas.

São apontados ainda como debilidades a falta de policiamento, o tráfico de drogas, o excesso de linhas do ônibus, a falta de atendimento a população de rua, entre outros.

3.4 A Praça

“Praça – lugar público cercado de edifícios; largo”

Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa

Situada entre as ruas Pinto Guedes, Oliveira da Silva, Dr. Otávio Kelly e Av. Maracanã, no bairro da Tijuca, está a Praça Comandante Xavier de Brito, conhecida também como “Praça dos Cavalinhos”. Em seu entorno estão dispostos prédios residenciais e comerciais. Entre o comércio estão: um restaurante tradicional, uma loja especializada em produtos para animais e uma academia de ginástica.

Minha velha conhecida e vizinha. Passo por uma de suas esquinas todos os dias. Embora tenha algum conhecimento sobre a praça, ao optar por ela como espaço de pesquisa, procuro construir agora um novo olhar, busco um outro encontro: estruturado, tentando perceber a cultura daquele lugar. Quero viver esse local como um espaço que pode me “contar” algo sobre seus ocupantes e sua dinâmica. Nesse sentido, meu depoente para a pesquisa.

Em um primeiro olhar chama a atenção a organização e limpeza desse local. É possível desfrutar de um silêncio só quebrado pelo canto dos pássaros ou por alguma criança que por ali passa.

A praça é ampla e arborizada, com piso de areia, tendo ao centro um grande chafariz com esculturas por onde jorra água⁶.

Muitos são os locais destinados à prática de esportes. Possui: pista para caminhadas ou corridas, quadra de bocha, aparelhos de ginástica e mesas com marcação para os jogos de Xadrez ou Damas, sendo que três, das treze mesas ali dispostas, possuem barracas para o abrigo do sol e da chuva. A praça, com seu

⁶ O chafariz encontra-se em perfeito estado de manutenção, é equipado com um temporizador que aciona o seu funcionamento, jogando água a cada 45 minutos, ficando ligado por 15 minutos.

amplo espaço físico parece, a um primeiro olhar, atender, confortavelmente todas as necessidades de seus freqüentadores. Há um espaço livre ao lado do chafariz onde, nos finais de semana, são armados brinquedos, destinados a aluguel. Na diagonal esquerda, tendo como referência o chafariz e a Av. Maracanã, há um parque com brinquedos, cercado com grades de ferro pintadas de verde. Na frente do chafariz uma cabine da polícia que, segundo o policial, funciona 24 horas do dia, em dois turnos de 12 horas. À direita estão dois banheiros químicos. A manutenção da praça é realizada por funcionários da fundação Parques e Jardins.

Nos finais de semana, atrás do parque com brinquedos, na calçada e na beira da rua, ficam as charretes, os burrinhos e cavalinhos para aluguel.

Vendo as crianças em sua dinâmica, pude perceber que quatro são os espaços mais utilizados por elas: o que está ocupado pelos brinquedos que são alugados, algum espaço entre as mesas de jogos e os aparelhos de ginástica, um campo livre de terra e os brinquedos dentro do cercado.